

PSICANÁLISE E SAÚDE: ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA POR PSICÓLOGOS PSICANALISTAS

*Bruna Luiza Spada

**Sandro Rodrigo Steffens

Resumo

No presente artigo, são abordados assuntos referentes à prática de psicólogos em saúde pública, que utilizam da linha teórica psicanalítica como referência de trabalho. O objetivo é verificar e analisar quais são os desafios e as possibilidades de inserção do trabalho analítico no campo da saúde pública. Foram entrevistadas duas psicólogas que atuam no Núcleo de Apoio à Saúde da Família - NASF, há mais de um ano, na Região Oeste do Estado de Santa Catarina – SC. Para integridade das participantes, seus nomes foram substituídos por P1 e P2. As entrevistadas relataram as suas práticas, como atuam e como percebem a linha teórica da psicanálise nesse contexto, disto foram identificados alguns termos da teoria e técnica psicanalítica, como: setting, contratos e transferências. Concluindo, ambas sentem dificuldades com o trabalho analítico neste contexto, mas procuram superá-los, buscando suporte profissional e maior qualificação. A prática destes psicólogos que utilizam da linha teórica psicanalítica como referência de trabalho é sim possível e viável para este campo de trabalho, apesar das divergências com a clínica.

Palavras-chaves: Psicanálise. Saúde Pública. Psicologia. Dificuldades.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise vem com o passar do tempo encontrando espaços de inserção em instituições de saúde pública, vendo possibilidades de atuação desse profissional no Sistema Único de Saúde. Victor e Aguiar (2011, p. 41):

A atuação do psicanalista vem se tornando hoje tão relevante na saúde pública quanto na clínica privada, e se distribui em todos os níveis de

assistência do Sistema Único de Saúde (SUS): na primária, junto aos postos de saúde e no Programa de Saúde da Família, na secundária, através das policlínicas e ambulatorios, e na terciária, nos complexos hospitalares.

A porta de entrada desses profissionais na saúde pública se dá unicamente através de psicólogos, concomitante Victor e Aguiar (2011, p. 41) expressam que a função do psicanalista não é regulamentada pelo Estado, a presença desse profissional nos serviços públicos se deve às conquistas da Psicologia como profissão. Embora a psicologia esteja diretamente relacionada ao conceito de saúde, que é definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946) como o bem-estar físico, mental e social, ela chega tardiamente neste cenário.

Diante dessa demanda, que vem crescendo cada vez mais, os psicólogos que atuam tendo por base a teoria psicanalítica, não podem fechar seus olhos para a saúde pública. Certamente a demanda sujeito-instituição impõe alguns desafios a esses profissionais, que devem entrelaçar as “discussões teóricas e históricas relacionadas com o campo da saúde e da psicanálise como ciência humana” (GOMES; PRÓCHNO, 2015, p. 781).

Ao pensar a presente pesquisa, surgiram questionamentos relacionados ao papel desempenhado por psicólogos, usam da linha teórica psicanalítica para fundamentar seu trabalho. Uma teoria e técnica ainda muito destinada à área clínica da psicologia, tem como trabalhá-la em saúde pública? Será que os profissionais possuem dificuldades em sua atuação no campo da saúde pública? E diante das dificuldades, pensam ou repensam essa prática? O objetivo da presente pesquisa é verificar e analisar quais são os desafios e as possibilidades de inserção do trabalho analítico no campo da saúde pública esclarecendo, desta forma, os questionamentos gerados inicialmente.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 PSICOLOGIA DA SAÚDE

A Psicologia da Saúde vem crescendo e se destacando cada vez mais nas áreas de atuação do psicólogo, os campos de trabalho nessa área aumentaram com o passar dos anos, pois mostrou-se necessário a presença

desse profissional na saúde da população. Neste viés, Almeida e Malagris (2011, p. 184), afirmam que:

No Brasil, as instituições de saúde constituem um novo campo de atuação para os psicólogos. O crescente interesse pela atuação nessa área específica surge da necessidade de entender e pensar o processo saúde/doença numa dimensão psicossocial e de compreender e intervir sobre os contextos do indivíduo ou grupos, expostos a diferentes doenças e condições de saúde impróprias.

Para Spink, (1992, p. 12), até pouco tempo o campo de atuação da Psicologia se resumia a duas principais dimensões: em primeiro lugar, as atividades exercidas em consultórios particulares, podendo usufruir deste atendimento, somente a população mais ricas. A segunda compreendia as atividades desempenhas em hospitais e ambulatórios de saúde mental. Pode-se notar com nitidez que o campo de trabalho da psicologia da saúde, está se construindo de uma forma diferenciada, não englobando apenas aspectos psicológicos e psicopatológicos como se caracterizada a psicologia clínica tradicional, sobre essa nova forma de trabalhar em saúde Spink (1992, p. 15) fala que;

O conhecimento dos processos sócio-psicológicos relevantes para a manutenção da saúde e a compreensão da origem e do desenvolvimento da doença e dos diversos aspectos da prática médica, [...] a satisfação da população com os serviços, as formas de utilização dos serviços e a participação da comunidade na sua avaliação.

Além de focar o seu interesse nos aspectos de saúde e de doenças não mentais, uma das características da Psicologia da Saúde, também, é o deslocamento da atenção da "doença" para a "saúde", passando a considerar a saúde como objeto epistemológico diferente das doenças, com definição própria e métodos de intervenção e de avaliação específicos. (RIBEIRO, 2011, p. 26) O exercício profissional da Psicologia da Saúde não tem sido claro, principalmente pelo choque com o exercício da Psicologia Clínica, já instalada na sociedade e nas instituições. (RIBEIRO, 2011, p. 35).

Para mostrar que o papel do psicólogo está se expandido, ele precisa romper a limitação da atuação do psicólogo tradicional em consultórios e deve envolver-se em ações de maior amplitude, podendo ser desenvolvido esse papel diferenciado nas instituições de saúde. Até hoje uma definição de Psicologia da Saúde, que possivelmente seja a mais conhecida por profissionais desta área é a de Matarazzo (1980, p. 815) apud Almeida e Malagris (2011, p. 185):

Psicologia da Saúde é o conjunto de contribuições educacionais, científicas e profissionais específicas da Psicologia, utilizadas para a promoção e manutenção da saúde, prevenção e tratamento das doenças, identificação da etiologia e diagnóstico (de problemas) relacionados à saúde, doença e disfunções, para a análise do sistema de atenção à saúde e formação de políticas de saúde.

Os novos modelos de atuação do profissional em psicologia da saúde buscam um atendimento de forma interdisciplinar, trabalhando com um contexto mais amplo, abordando elementos de cunho individual e familiar como de cunho social. (FREIRE; PICHELLI, 2010, p. 842). Sobre o fazer da interdisciplinaridade Freire e Pichelli (2010, p. 849-850) afirmam:

O fazer interdisciplinar constitui uma das principais ferramentas utilizadas pelo SUS como forma de garantir a integralidade no atendimento aos seus usuários, com vistas a construir um novo modelo de atenção em saúde. Essa forma de trabalho tem sido considerada fundamental, principalmente nas ações que envolvem os cuidados primários em saúde.

Com o seu discurso próprio e a sua autonomia, a Psicologia desenvolve atividades de prevenção, avaliação, apoio psicológico e de investigação ligadas aos cuidados de saúde, podendo para tal usar contribuições teóricas e modelos variados. [...] A Psicologia da Saúde não toma como objeto a situação ou o acontecimento. Não tem a cura como objetivo a ser alcançado. Trabalha com as vivências que o sujeito experimenta, projeta ou reativa nesse momento e sobre essa realidade. (TEIXEIRA; LEAL, 1990, p. 455) A partir disso, toma-se como importante o papel desse profissional em mapear e conhecer a realidade da população em que será atendida, pois como uns

dos papéis desempenhados pelo psicólogo na saúde é trabalhar com prevenção. Conhecendo as necessidades desse público, as ações a serem executadas estarão de acordo com a demanda, fazendo com que tenham uma resolução mais eficaz dos problemas de saúde, que muitas vezes são de cunho social também.

Os psicólogos da saúde se direcionam para a compreensão da forma como os fatores biológicos, comportamentais e sociais influenciam a saúde e a doença. Podem estar centrados na promoção da saúde e prevenção de doença, trabalhando com os fatores psicológicos que fortalecem a saúde e que reduzem o risco de adoecer, podem disponibilizar serviços clínicos a indivíduos saudáveis ou doentes em diferentes contextos e, podem ainda, estar envolvidos em pesquisa e investigação, no ensino e formação (TEIXEIRA, 2004 apud ALMEIDA e MALAGRIS, 2011, p. 191).

Para Buss (2000 apud Freire e Pichelli, 2010, p. 848), as práticas em saúde abarcam medidas preventivas não só sobre o corpo, mas também sobre o ambiente físico e sobre os estilos de vida coletivos, reforçando tanto os direitos quanto a responsabilidade dos sujeitos pela sua própria saúde. Ainda sobre as funções e ações a serem desempenhadas pelos psicólogos na saúde o Conselho Federal de Psicologia (2016) expressa que:

Atuam em equipes multiprofissionais e interdisciplinares no campo da saúde, utilizando os princípios, técnicas e conhecimentos relacionados à produção de subjetividade para a análise, planejamento e intervenção nos processos saúde e doença, em diferentes estabelecimentos e contextos da rede de atenção à saúde. Considerando os contextos sociais e culturais nos quais se insere, estabelece estratégias de intervenção com populações e grupos específicos, contribuindo para a melhoria das condições de vida dos indivíduos, famílias e coletividades.

O Conselho Federal de Psicologia (2016) complementa dizendo que é uma tarefa do psicólogo na saúde desenvolver ações de promoção da saúde, prevenção de doenças e vigilância em saúde em conjunto com usuários, profissionais de saúde e a instituição, colaborando em processos de participação social e de articulação de redes de atenção à saúde.

2.2 PSICANÁLISE

A teoria formulada por Sigmund Freud no início do século XX é ampla e complexa. O autor começa seus estudos ainda no fim do século XIX, mas publica sua primeira obra considerada psicanalítica A interpretação dos sonhos, em 1900. Ao tentar entender o sofrimento psíquico de pacientes diagnosticadas com histeria, Freud acaba por perceber e construir diversos conceitos ligados à constituição do psiquismo humano. (CARLONI, 2011, p. 1) A psicanálise é um método interpretativo, que também significa uma forma de tratamento psicológico, pois trabalha com questões e aspectos da psique humana, com relação interpessoal e com respaldo de uma teoria científica de personalidade.

Ao falarmos de teoria e técnica psicanalítica, diz-se que uma esta ligada à outra, pois, “sempre há uma técnica que configura uma teoria e uma teoria que fundamenta uma técnica” (SILVA, 2016), a interação das duas é inevitável e indispensável na psicanálise. Nasio (1999, p. 11), em sua obra O prazer de ler Freud afirma que a psicanálise ocupa-se de coisas simples e que são também muito complexas, mas que são atuais, apesar de ter sido criada no século XIX. Ocupa-se de amor e de ódio, do desejo e da lei, dos sofrimentos e do prazer, de nossos atos de fala, nossos sonhos e fantasias. Toma esses aspectos não apenas por meio de um pensamento abstrato, mas através da experiência humana de uma relação entre dois parceiros, analista e analisando, em interação permanente. Os temas ou conceitos fundamentais da teoria psicanalítica são o inconsciente, o recalçamento, a sexualidade, o complexo de Édipo, o Id, Ego e Superego, o conceito de identificação e a transferência no tratamento analítico. (NASIO, 1999, p.15).

2.3 PSICANÁLISE EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

A atuação do psicanalista vem se tornando tão importante na saúde pública quanto na clínica privada, e se faz presente em todos os âmbitos da assistência do Sistema Único de Saúde (SUS): na primária, junto aos postos de

saúde e na Estratégia da Saúde da Família, na secundária, através das policlínicas e ambulatórios, e na terciária, nos complexos hospitalares. O objetivo é fazer da psicanálise uma prática viável e de importância nos tempos atuais, pois, visa alcançar a subjetividade dos sujeitos e o que é de sua relevância no momento. (VICTOR E AGUIAR, 2011, p. 41). Uma posição mais investigativa da parte dos psicanalistas pode gerar certo desconforto, pois nem pacientes e nem os profissionais estão preparados para falar o que realmente está em questão, o sofrimento, com isso colocar as pessoas envolvidas com saúde em contato com a realidade, pode não ser agradável, mas ter um resultado significativo, concomitante, Fernandes (2013, p. 74) expressa que:

A posição investigativa do psicanalista, que transforma em estranhamento o excesso de explicações e justificativas utilizadas pelo sujeito para desviar a atenção do que ele não quer saber, pode, nos serviços de saúde, potencializar os espaços instituídos para discussões e reflexões, auxiliando a equipe de saúde, como também a população [...].

Ao se falar de atuação deste profissional neste campo, pode-se utilizar das colocações de Fernandes (2013, p. 77):

Uma possibilidade de atuação do psicanalista na AB é na função do mais-um junto à equipe de saúde e à comunidade, abrindo espaços de discussões e reflexões que favoreçam o campo da linguagem, lugar onde, a partir do deslizamento dos significantes, os nós dos sintomas podem ser desatados. Dessa forma, possibilitando que, ao invés de se deparar com a repetição de queixas padrões e conceitos, os sujeitos tenham a possibilidade de fazer um bom uso dos sintomas, tomando-os como causa para a busca do novo, da diferença.

Um psicólogo que se referencia pela teoria e técnica psicanalítica que deseja atuar em saúde pública deve quebrar algumas "regras" instituídas nesta teoria, pois a atuação é diferente da preconizada pela teoria criada por Freud. Muitas vezes a sua contribuição não será em uma sala preparada para atendimento clínico, ele pode se deparar com outras realidades, um exemplo, seria as visitas domiciliares que são fundamentais para analisar o

contexto do paciente, pois a doença ou problema do mesmo pode estar vindo de circunstâncias familiares ou sociais, e este profissional vai auxiliá-lo para lidar com essas situações.

MÉTODO

Na presente pesquisa foi realizada uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, e caráter descritivo. Os estudos qualitativos possibilitam descrever a complexidade de determinado problema, podendo compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, além de possibilitar o entendimento das particularidades dos comportamentos dos indivíduos. (RICHARDSON, 1999 apud KROTH, 2013, p. 9). De caráter descritivo pois “tem como primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] Uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados” (GIL, 1999, p. 44).

O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada, esse tipo de entrevista, segundo Michel (2009) apud Kroth (2013, p. 09) é bastante utilizado para estudar motivos, sentimentos e conduta das pessoas, e permite ao entrevistado ter maior “liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada; permite explorar mais amplamente uma questão”.

O estudo deu-se através de revisão bibliográfica abordando os assuntos relacionados ao tema, em seguida foi feito um estudo de campo, onde foi realizada entrevista com psicólogos referenciados pela teoria e a técnica psicanalítica que atuam no Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF, dos municípios do Oeste que estejam neste campo por mais de 1 ano. Primeiramente, foi feito um contato prévio com os psicólogos para agendar a entrevista, cada participante foi ouvido individualmente.

As entrevistas foram semiestruturadas e gravadas mediante a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, que objetiva a

fidedignidade dos dados e o sigilo, e posteriormente transcritas com integridade para a análise. As questões éticas perpassaram todos os passos da pesquisa, desde o planejamento, a implantação das ações, uso dos dados e, principalmente nas relações interpessoais com os sujeitos do estudo. Dessa forma, para proteger as identidades dos participantes, seus nomes foram substituídos.

De acordo com Bardin (1977, p. 38) apud KROTH (2013, p. 10), o método de análise de conteúdo “[...] aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Moraes (1999.p. 7-32) apud Kroth (2013.p. 10) dizem sobre método de investigação e análise de conteúdo:

Como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação.

Para a análise dos dados coletados através das entrevistas foi utilizado o método de Bardin. O método de Bardin baseia-se na pré-análise dos dados levantados, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação. (BARDIN, 1977 apud KROTH, 2013.p. 10).

3 CONCLUSÃO

Ao pensar o tema da presente pesquisa, ficou evidente, já de início, que alguns desafios iriam surgir pois, não é comum encontrar psicólogos que atuam com a teoria psicanalítica na saúde pública. Apesar disso, foram encontradas algumas pessoas que trabalhavam nessa perspectiva, porém não mostraram efetivamente interesse em participar da pesquisa, resultando, dessa forma, apenas duas participantes, as quais, foram colaborativas e

participaram ativamente para a construção desse trabalho, permitindo a partir disso o esclarecimento das indagações iniciais da presente pesquisa.

Pode se afirmar, por meio da fala das participantes, o quão importante é o trabalho do psicólogo na saúde pública, bem como destaca-se que há sim, a possibilidade de trabalhar neste espaço com a linha teórica psicanalítica, contrariando as suposições de alguns profissionais, que de acordo com a literatura consultada acima, relatam algumas dificuldades neste sentido.

De outra forma, foi possível visualizar como se dá a atuação das psicólogas neste contexto, como atuam em seu local de trabalho, tendo como referência a teoria e a técnica psicanalítica. É preciso ressaltar a preocupação das mesmas com o usuário, para que este possa ter sempre um excelente atendimento ao acessar o serviço. Esse cuidado com os atendimentos fica evidente, quando as entrevistadas ressaltam o cuidado que possuem com as especificidades técnicas, inerentes à linha psicanalítica, tais como: o setting, os contratos e a transferência, contratransferência, dentre outras.

Em relação às dificuldades, expressam a necessidade de suporte profissional, o qual pode ser buscado por meio de cursos, capacitações, os quais, poderiam elevar o nível de qualificação na área psicanalítica. Citam também, a necessidade de supervisão com outro profissional psicólogo e psicoterapia pessoal.

A psicanálise sendo uma ciência que os primórdios diziam ser uma prática somente clínica, hoje abrange um espaço muito maior, podendo já ser identificada, em escola, em hospitais, postos de saúde, não fazendo com que a mesma diminua sua importância e que mostre sua teoria e sua técnica nesses novos locais, aos quais está se inserindo gradativamente. Contudo, acredita-se que foi possível por meio da presente pesquisa, levantar a possibilidade de se trabalhar com a linha psicanalítica na saúde pública, bem como, visualizar os desafios e possibilidades ainda presente neste campo de atuação a partir da referida linha teórica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS Lucia Emmanoel Novaes. A prática da psicologia da saúde. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582011000200012 Acesso em: 09/11/2016.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. CFP aprova nova especialidade: Psicologia em Saúde. Goiás, 2016. Disponível em: <http://www.crp09.org.br/portal/noticia/1962-cfpaprova-nova-especialidade-psicologia-em-saude>. Acesso em: 09/11/2016.

FERNANDES, Verônica Alves. Contribuições da ética da psicanálise para a política pública de saúde. A peste, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 67-79, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/viewFile/27933/19689>. Acesso em: 30/05/2017.

FERRAZ, Flávio Carvalho. Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico. *Jornal de Psicanálise*, vol. 47, n. 86, p. 87-102, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352014000100010

FREIRE, Francisca Marina de Souza; PICHELLI, Ana Alayde Werba Saldanha. Princípios norteadores da prática psicológica na atenção básica: em busca da integralidade. Brasília. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000400013&lang=pt. Acesso em: 09/11/2016.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas. 5. ed. 1999.

MIGLIAVACCA, Eva Maria. Breve reflexão sobre o setting. *Boletim de Psicologia*. 2008, vol. 58, n. 129, p. 219-226. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200009

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Cadernos de Atenção Básica: diretrizes do NASF. Brasília, 2009.

NASIO, Juan- David. O prazer de ler Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1999.

OLIVEIRA, A. M. M. de; STORMOWSKI, L. B.; MOTTA, G. da. A clínica psicanalítica no âmbito da saúde pública. *Akrópolis, Umuarama*, v. 22, n. 1, p. 69-80, jan./jun. 2014.

RIBEIRO, José Luís Pais. A Psicologia da Saúde. In: ALVES, Railda Fernandes (org.). Psicologia da Saúde: teoria, intervenção e pesquisa [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. cap. 1, pag. 23-64. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/z7ytj/pdf/alves9788578791926.pdf>. Acesso em: 09/11/2016.

SPINK, Mary Jane. Psicologia da Saúde: a estruturação de um novo campo de saber. In: CAMPOS, Florianita Coelho Braga (org.). Psicologia e Saúde: repensando práticas. São Paulo: HUCITEC, 1992. cap. 1, p. 11-23.

TEIXEIRA, José A. Carvalho; LEAL, Isabel. Psicologia da Saúde Contexto e intervenção. *Análise Psicológica*. 1990. Disponível em: http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2916/1/1990_4_453.pdf. Acesso em: 09/11/2016.

VICTOR, Rita Meurer; AGUIAR, Fernando. A clínica Psicanalítica na Saúde Pública: desafios e possibilidades. Brasília. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000100005. Acesso em: 09/11/2016.

WINNICOTT, D. W.. O brincar e a Realidade. Rio de Janeiro. Imago. 1975.

ZIMERMAN, David E.. Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Sobre o(s) autor(es)

*Psicóloga. Graduada em Psicologia, pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC, Campus Pinhalzinho - SC; Pós-Graduada em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ. E-mail: spada.brunaluiza@gmail.com

** Psicólogo. Professor do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Mestre em Desenvolvimento, Organizações e Cidadania. E-mail: sandro.steffens@unoesc.edu.br.